

APRESENTAÇÃO

Linguagem, cognição e interfaces



A história dos estudos linguísticos mostra uma grande curiosidade sobre a linguagem humana como capacidade, disso decorrendo interesse, ao longo dos séculos, sobre o seu funcionamento biológico – qual sua natureza, como se constitui seu poder criador, de onde se origina, enfim qual o seu lugar na constituição humana.

Se nos reportarmos a muitos séculos, encontraremos uma “ciência mítica”, que buscou interessantes explicações para todas essas indagações e expressou-as muitas vezes, na falta de termos objetivos e precisos, por meio de metáforas e analogias que ainda hoje guardam seu brilho e sua importância.

O movimento estruturalista do início do século XX, que pretendeu analisar a linguagem humana “positivisticamente”, com objetividade e neutralidade, ganhou força e recebeu forte adesão por algum tempo. Havia sido encontrado um caminho para examinar dados linguísticos sob evidência palpável. No entanto, os pontos fulcrais da criação linguística continuavam a descoberto. As ideias de Chomsky, então, buscando elementos no racionalismo, passaram a iluminar esses pontos e elegeram um novo paradigma para o entendimento da mente e a explicitação da competência linguística como um módulo com condições inatas para a linguagem. Na sequência, os estudos sobre as relações entre mente e linguagem estimularam caminhos para as relações entre cérebro e linguagem, como é o caso do paradigma conexionista, que os define como funcionamento em paralelo.

Essas concepções diversas têm fundamentado estudos sobre as próprias relações entre linguagem, mente e cérebro, aquisição e desenvolvimento da fala, compreensão leitora, aprendizagem e ensino de língua materna e língua estrangeira. Tais concepções encontram-se hoje sob o tema *linguagem e cognição* que supõe a realização de *interfaces* internas da própria Linguística e externas com outros campos do conhecimento – a Informática, a Psicologia, a Neurologia, a Educação... Nesta publicação, o tema *linguagem, cognição e interfaces* é desenvolvido por meio de três tópicos sucessivos.

O primeiro tópico, *Cognição e computação*, é iniciado pelo artigo intitulado “Resolving pronouns to antecedents

in commanding and non commanding positions: first results from ERP research”, de José Augusto Leitão, Antônio Branco, Maria Mercedes Piñango e Luís Pires. A esse segue o de Jorge Campos da Costa, que descreve, ilustra e examina a Teoria das Implicaturas de Grice em sua forma padrão, demonstrando que tais tipos de inferências decorrem do Princípio de Cooperação e das máximas de Grice. Fechando esse tópico, Jorge Campos da Costa e Ana Tramunt Ibaños tratam da discussão em Filosofia da Linguagem sobre a validade ou não de se considerar nome próprio como portador de significado.

Linguagem, cognição e interfaces: fala, leitura e escrita, que detém a atenção de muitos pesquisadores, constitui-se no segundo tópico desta publicação. Vera Wannmacher Pereira o inicia, apresentando resultados de pesquisa que explicita relações entre predição leitora e planos linguísticos em ambientes virtual e não virtual. Helena Vellinho Corso e Jerusa Fumagalli de Salles, no artigo seguinte, comparam o desempenho de crianças de 2ª série do ensino fundamental em leitura de palavras isoladas e em compreensão de leitura textual, investigando, assim, as correlações e a possibilidade de dissociações entre esses dois processos. Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, em seu artigo, tematiza a apropriação sociocognitiva da escrita, à luz do conceito de intersubjetividade vigotskiano e propõe uma ressignificação do conceito de intrassubjetividade delineado pelo teórico russo. Alessandra Del Ré, associando enunciação e cognição, levanta questões acerca da constituição da identidade infantil.

O último tópico de estudos desta publicação – Linguagem e cognição: aprendizagem e ensino de segunda língua é iniciado pelo artigo de Adriana Angelim Rossa e Carlos Ricardo Rossa, que sustentam uma abordagem de ensino de línguas estrangeiras com base nos princípios do paradigma conexionista em consonância com os achados recentes da neurociência. Alessandra Baldo expõe, no segundo artigo, os resultados de um estudo sobre os recursos empregados para a realização de inferências lexicais, investigando questões como as estratégias e as fontes de conhecimento utilizadas pelos leitores bem como a relação entre tipo de recurso utilizado e desempenho inferencial. Na sequência, o estudo de Anamaria Kurtz de

Souza Welp traz diferentes perspectivas sobre a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira e discute a eficácia dos instrumentos existentes para medir a ansiedade. Ingrid Finger e Elena Ortiz Preuss demonstram, no artigo seguinte, através de experimento, que a instrução explícita apresenta resultados duradouros na aquisição do espanhol como L2. Valéria Pinheiro Raymundo, no quinto artigo, relata um trabalho que objetivou a elaboração e a validação de um instrumento de avaliação do nível de consciência linguística do aprendiz adulto de inglês, falante nativo de português. Emilia Maria Peixoto Farias, fechando o tópico, destaca

as expressões metafóricas como reflexos de processos de conceptualização e, como tal, as manifestações em diferentes línguas podendo revelar compartilhamento nas formas de compreensão.

Esse conjunto de trabalhos, pela relevância temática e científica, consiste em fonte de aprofundamento de discussões e, certamente, de inspiração para investigações na área da linguagem e da cognição.

Jorge Campos da Costa
Vera Wannmacher Pereira